

## UMA ABORDAGEM DA PERSPECTIVA DO POLÊMICO JEAN BAUDRILLARD

Simone Regina Dias  
Departamento de Administração  
UNIVALI, Florianópolis - SC

**Resumo:** O artigo apresenta as idéias polêmicas do sociólogo francês Jean Baudrillard, que desde a década de 70, vem propondo em seus textos reflexões sobre as novas configurações da sociedade contemporânea, discutindo a questão do poder, o colapso do social, o hiper-realismo e o atual estado das artes e da cultura. O texto aborda os argumentos centrais de alguns de seus principais escritos, com vistas a demonstrar o mal-estar pós-moderno, decorrente de um estado em que a crise afetou nossas certezas.

**Palavras-chave:** pós-modernidade; cultura; sociedade do espetáculo

**Abstract:** The article presents the polemic ideas of the french sociologist Jean Baudrillard, who since the 1970 decade has been proposing reflections in his texts about the new configurations of the contemporary society, discussing the matter of power, the social collapse, the hyper-realism and also the present state of the arts and culture. This study discusses the central themes of some of the main writings, with the objective of demonstrating the pos-modern uneasiness, resulting from a state in which the crisis has affected our certainties.

**Key-words:** pos-modernity; culture; society of the spectacle

“Em filosofia, virtual não quer dizer nada, mas o meu  
discurso também não é verdade.”

Jean Baudrillard

Uns dizem que ele é cruel e conspirador. Outros o acusam de neo-liberal ou reconhecem-no como o hiper-intelectual. Para além dessas e de outras categorias, cabe afirmar que, ao auscultar a sociedade de consumo e seus impasses, o teórico social francês Jean Baudrillard se vale de irreverência e ironia para traduzir o espírito de nossa época. Perry Anderson (1999, p.90) arrisca uma apresentação: “trata-se de um pensador cujo temperamento, por bem ou por mal, é incapaz de concordar com qualquer noção que goze de aceitação coletiva”.

Constantemente citada nas intervenções que passam em revista o debate sobre as condições da cultura na pós-modernidade, a crítica aguda do pensador possui um débito teórico comum a Fredric Jameson: o trabalho dos Situacionistas, grupo de críticos sociais radicais que, na França dos anos 60, anunciou o advento da sociedade do espetáculo (Guy Debord era o principal porta-voz do grupo e é de sua autoria o livro intitulado *A sociedade do espetáculo*), observando com precisão a explosão da imagem em detrimento do produto material, uma sorte de generalização da sedução, o que implicava transformar o real em falsa representação. Sintonizado com esta perspectiva, Baudrillard observa e teoriza a explosão e a aceleração de imagens sociais ou signos, que funcionam como mercadorias. Esta explosão da imagem operacionalizaria uma equivalência entre as esferas da cultura e da economia e, nesse sentido, pode-se afirmar que o autor faz uma revisão do modelo marxista tradicional, que subordina a cultura à economia.

Explico como isso se dá. Para Baudrillard, tudo, inclusive a produção artística, intelectual e científica, é produzido como signo e valor de troca. Por sua vez, a explosão e aceleração das mercadorias culturais (ou mesmo de signos que funcionam enquanto mercadorias) produz uma economia política do signo. Verifica-se, então, que, na leitura do autor francês, a estrutura diferencial do signo se une à da mercadoria. É a lógica do capital penetrando, inteiramente, e de forma inequívoca, no signo.

Outra posição do pensador francês é explícita em *Requiém pelos media*, ao atacar a noção de que os meios de comunicação de massa possuem um potencial libertador ou democrático intrínseco. Neste ensaio, que apresenta uma análise de um texto do poeta e crítico literário marxista Hans Magnus Enzensberger (1979) publicado na *New Left Review* em 1970, Baudrillard (1995, p.217) expõe suas considerações a propósito dos *media* de massa e comenta sua arquitetura: “eles são o que proíbe para sempre a resposta, o que torna impossível qualquer processo de troca (...). E é nessa abstração que se funda o sistema de controle social e de poder.” O autor questiona a crença de que o papel da Esquerda seria simplesmente tomar o controle desses veículos, tirando-os das mãos dos grupos dominantes, pois considera que o que há de opressor neles é precisamente o código. Enfatiza, então, a necessidade da transgressão do discurso da mídia. E problematiza:

(...) a querer conservar (...) qualquer das instâncias separadas da grelha estrutural da comunicação, fica-se impedido de mudar fundamentalmente alguma coisa, e fica-se condenado a práticas manipulatórias frágeis, que seria perigoso tomar

como estratégia revolucionária. Neste sentido, só é estratégico aquilo que põe radicalmente em xeque a forma dominante. (BAUDRILLARD, 1995, p.235).

Mudar o conteúdo da mensagem não serve. É preciso, afirma o autor, impor outros códigos de leitura. Observe-se que a crítica de Baudrillard se dirige, aqui, à noção de *media* enquanto instituições pelas quais se dá o intercâmbio dos signos. A *media* constitui-se, em tal perspectiva, como instrumento da burguesia que faz proliferar o fetichismo da mercadoria. O autor sugere, então, que os *mass media* não servem enquanto códigos de leitura para se adotar alguma estratégia revolucionária, posto que seriam antemediadores, seriam o que interdita para sempre a resposta. Assim, destaca a necessidade de se adotar outros códigos para estabelecer a mediação. Como exemplo da adoção de um código alternativo, que carrega essa subversão, o sociólogo cita o desvio publicitário pelos *graffiti* depois de Maio de 68, já que aparecem para quebrar o código, então vigente.

Para o crítico Steven Connor (1989, p.51), Baudrillard manteria, nesses trabalhos iniciais (da década de 70), um tênue controle sobre o ideal da troca simbólica, sem dar muita atenção ao funcionamento do poder e da exclusão nas formas de comunicação.

A partir de *Simulacros e simulações* (cuja versão original data de 1981), Baudrillard amplia seu escopo de interesse e se detém, por exemplo, a apresentar sua teoria do simulacro - demonstrando como os signos passaram à condição de pura simulação. O autor trata, em seus textos, das implicações, decorrentes ou causais, do declínio da modernidade e da ascensão do que se chama pós-modernidade, teorizando a lógica do simulacro (representações ou cópias de eventos ou objetos), a explosão da hiper-realidade (a simulação tomando forma de objetos e experiências manufaturados que tentam ser mais reais do que a própria realidade), o triunfo da cibernética, o colapso do social e o questionamento de todos os antagonismos (os opostos se transformam um no outro, se intercambiam).

A propósito deste triunfo da hiper-realidade, Baudrillard preconiza que a Nova Ordem mundial é *disneyca*.

Mas Disney não está sozinho nessa espécie de canibalismo atrativo. Vimos a Benneton nas suas campanhas publicitárias recuperar toda a atualidade do drama humano (...) através da transfusão da realidade na Nova Figuração midiática, onde a miséria e a comiserção entram em ressonância interativa. O virtual resgata o real em pé e o cospe tal qual, em *prêt-à-porter*. (BAUDRILLARD, 1999, p.123)

Ao diagnosticar a sociedade de consumo, o pensador francês teoriza sobre o fim das positivities, ou, se preferirmos, dos grandes referentes: o real, a história, o significado, a revolução, o político, o social. O próprio poder, sustenta o autor (1984, p.50-51) em *Esquecer Foucault*, ao ser modulado em signos e aparências, não consegue

mais produzir o real e se volatiliza - “*é o fim do poder*, o fim da estratégia do real”. Isto significa que quando o espectro político é tomado pela lógica do simulacro, os antagonismos seriam anulados pela dependência entre seus termos:

Inútil, pois, correr atrás do poder, ou sobre ele discorrer infinitamente, pois ele também, doravante, faz parte do horizonte sagrado das aparências, ele também existe apenas para esconder que não existe mais, ou melhor, que a linha de apogeu do político tendo sido atravessada é a outra vertente do ciclo que começa, a reversão do poder no seu próprio simulacro. Não se pode mais tomar o poder, tanto quanto não se pode desvendar o segredo. (BAUDRILLARD, 1984, p.78).

Nesse enquadramento, o autor (1989, p.19) sugere que o indivíduo do qual se fala hoje não é mais um sujeito; não é mais um indivíduo com sua subjetividade, suas paixões. É alguma coisa que não é mais divisível e, nesse sentido, ele toma o verdadeiro sentido de indivíduo. O sujeito, aquele, era divisível, cindido.

Outra hipótese de grande repercussão é tratada em *À sombra das maiorias silenciosas*, um dos livros mais citados e comentados do sociólogo: as massas, entidade nebulosa, caracterizar-se-iam pela apatia e amorfia. Ao considerar que não há mais representatividade possível, Baudrillard (1985, p.10) sustenta que “as massas não têm história a escrever, nem passado, nem futuro, elas não têm energias virtuais para liberar, nem desejo a realizar: sua força é atual, toda ela está aqui, e é a do seu silêncio”. As massas só replicam, à necessidade de expressão, com a inércia, com uma apagada indiferença. Para tratar do buraco negro em que o social se precipita, Baudrillard (1985, p.58) sugere que, na sociedade contemporânea, a lógica que impera não é mais a da troca de valor, e sim a do “abandono de posições de valor e de sentido”. E o pior: as massas resistem, inclusive, ao imperativo da comunicação racional, clamando somente pelo espetáculo, como se nenhuma força pudesse convertê-las à seriedade dos conteúdos, nem mesmo à seriedade do código. O sociólogo francês reconhece esta apatia e lança a pergunta:

(...) por que após inúmeras revoluções e um século ou dois de aprendizagem política, apesar dos jornais, dos sindicatos, dos partidos, dos intelectuais e de todas as energias postas a educar e mobilizar o povo, por que ainda se encontram (e se encontrará o mesmo em dez ou vinte anos) mil pessoas para se mobilizar e vinte milhões para ficar passivas? - e não somente passivas, mas por francamente preferirem, com toda boa fé e satisfação, e sem mesmo se perguntar por que, um jogo de futebol a um drama político e humano? (BAUDRILLARD, 1985, p.17).

O autor refere-se a um exemplo, episódio sintomático ocorrido na França, na noite de extradição do advogado alemão Klaus Croissant. Enquanto poucas centenas de pessoas se manifestavam diante da Santé, vinte milhões de pessoas passaram a noite frente à televisão, que transmitia um jogo de futebol em que a França disputava sua

classificação para a Copa do Mundo. Nesse sentido, Baudrillard sustenta que a maioria silenciosa estaria despossuída até mesmo de sua indiferença, refutando a hipótese de que o poder manipula: “as massas não são nem enganadas nem mistificadas”. Tarde demais para reverter esta passividade generalizada, embora as tentativas de fazer as massas falarem sejam recorrentes. Mas, segundo o autor, o que se lhes arranca é apenas o silêncio - o silêncio da maioria silenciosa. Ao constatar o fim das esperanças revolucionárias, à medida que reconhece a impossibilidade da consciência de classe, a massa permanece inerte. Mas ainda assim, é lida a partir de um bombardeio de signos, de informações que, por sua vez, contribuem não para mobilizar, mas para imobilizar. As energias são consumidas para manter essa massa em emulsão dirigida e para impedi-la de cair em sua inércia pânica e em seu silêncio. Dessa forma, Baudrillard considera que as massas são uma simulação do social, onde este não mais existe.

Outra hipótese relevante, abordada pelo autor: o terrorismo é considerado o único fenômeno com relação de afinidade com as massas, “exatamente como se aí se desenrolasse a última peripécia do social, e de sua morte.” (BAUDRILLARD, 1985, p. 17). Isto porque o terrorismo, na verdade, pretende visar ao capital, mas se engana de inimigo, e ao fazer isso visa a seu verdadeiro inimigo, que é o social. O sociólogo enfatiza que o terrorismo, nesse sentido, traduz o fim do político e do social. Ainda sobre o terrorismo, considera-o

(...) original e insolúvel somente porque ataca não importa onde, quando e quem, senão seria somente o ato de resgate ou de comando militar. Sua cegueira é a réplica exata da indiferenciação absoluta do sistema, que há muito tempo não distingue os fins dos meios, os carrascos das vítimas. (BAUDRILLARD, 1985, p. 47).

Se a ordem dos acontecimentos deste início do século XXI tornou seus adágios mais reveladores, o autor continua mergulhado no desencanto, ao considerar que estamos num estado social segundo, isto é, ausentes, apagados, distraídos, irresponsáveis, enfraquecidos. Teriam nos deixado o nervo óptico, mas enfraqueceram-nos todos os outros.

Em entrevista recente ao *Jornal do Brasil*, Baudrillard (2002) afirmou que as redes acabaram criando um mundo dissimulado e irresistível, na medida que sonhamos com a realização de todos os desejos, ao mesmo tempo em que entramos num estado desesperador. E sustentou, na ocasião, que o mundo dissimulado não é propriamente falso, mas hiper-real. Consequência: o velho sistema de valores, substituído pela troca generalizada de mercadorias, teria nos levado à impossibilidade de trocar. Logo a seguir, sublinha que torce pela resistência absoluta, apesar de reconhecer que, por enquanto, o que escapa desse sistema são sintomas patológicos: como assassinatos em série, pedofilia ou homens-bombas. Tudo faz parte da intoxicação, preconiza o autor.

Nessa nova configuração, Baudrillard (1989) sustenta que, se por um lado, ficamos mais pobres em ironias ou em ações subjetivas, nossa época é rica em eventos. E

mesmo que existam ainda algumas manifestações coletivas, trata-se antes de demonstrações de existência do que propriamente oposições ao poder. Ou seja, o poder não é mais contestado e é difícil reconhecer algum fermento que possa ainda agitar o mundo.

Pode-se afirmar, então, que Baudrillard reconhece na cena contemporânea uma condição em que o sentido está em xeque, o social num buraco negro, não há representação, a massa silencia, a hiper-realidade triunfa e a cultura vira recreação artificial. Com efeito, poderíamos nos valer de uma passagem de *O crime perfeito* (em que se assassina a realidade), para dar conta da leitura deste pensador sobre o estado de coisas contemporâneo:

Fim do outro: a comunicação.

Fim do inimigo: a negociação.

Fim do predador: a convivialidade.

Fim da negatividade: a positividade absoluta.

Fim da morte: a imortalidade do clone.

Fim da alteridade: identidade e diferença.

Fim da sedução: a indiferença sexual.

Fim da ilusão: a hiper-realidade, a *Virtual Reality*.

Fim do segredo: a transparência.

Fim do destino.

O crime perfeito. (BAUDRILLARD, 1996, p.145-146).

Com todos estes fins, assiste-se à emergência de uma nova ordem, em que impera, conforme o filósofo francês, a promiscuidade das trocas e dos produtos e o fluxo perpétuo do dinheiro, e mesmo a sociedade do espetáculo estaria ultrapassada. Baudrillard considera, portanto, que já não estamos mais na sociedade do espetáculo, haja vista que ela mesma teria sido convertida em conceito espetacular. Não seria mais o contágio do espetáculo que altera a realidade, mas, sim, o contágio do virtual que apaga o espetáculo. Nesse sentido, tornamo-nos não mais espectadores alienados e passivos, “mas figurantes interativos, gentis figurantes mumificados desse imenso *reality show*. Não se trata mais da lógica espetacular da alienação, mas da lógica espectral da desencarnação (...).” (BAUDRILLARD, 1999, p. 124).

No que concerne à situação da arte neste contexto, cabe destacar que poucos são os textos que abordam a questão. Um deles é *O complô da arte*, publicado inicialmente no periódico francês *Le Figaro* em maio de 1996 (1999, p. 151-156), que defende a idéia de que a arte contemporânea teria perdido o desejo de ilusão, em benefício da elevação de tudo à banalidade estética. Baudrillard sustenta que a arte que interpretava tanto o desaparecimento de seu objeto quanto seu próprio desaparecimento ainda era uma grande obra, porém, quando ela passa a se reciclar indefinidamente, apropriando-se da banalidade, do dejetivo, da mediocridade como valor e ideologia, o que se vê é uma “confissão de falta de originalidade, de banalidade e de nulidade erigida em valor e mesmo em gozo estético perverso.” O autor marca a diferença entre a arte de, por exemplo,



Andy Warhol, que fez da nulidade e da insignificância um acontecimento, e a arte contemporânea, que visa à nulidade, quando já se é nulo. Trata-se, neste último caso, de uma estratégia comercial da nulidade, que se beneficia da impossibilidade de um juízo de valor estético consistente e explora a incerteza de que algo pode estar encoberto. Nada se salva, e lá está a descrença em qualquer possibilidade de transformação. Baudrillard sugere que a importância da arte é medida, em nossa época, pela publicidade e notoriedade. Isto é, quanto maior o público, maior a obra de arte. A grandeza da criação não seria resultado do poder da imagem ou da voz, mas sim da eficiência das máquinas reprodutoras e copiadoras.

Apesar do crítico norte-americano Fredric Jameson também reconhecer que a produção estética de nossa época está integrada à produção das mercadorias em geral, cabe ressaltar uma distinção: Jameson está lendo a arte pós-moderna em contraponto com o alto modernismo, isto é, Andy Warhol e Vang Gogh (e a partir daí, detecta as diferenças significativas entre os dois momentos), enquanto Baudrillard pauta-se na estética de Warhol para discutir o que vem depois dele, ou seja, meros atos de repetição esvaziados de crítica e de qualquer dose de subversão.

Quando Baudrillard descarta a possibilidade do social na cena contemporânea, alguns críticos, caso de Steven Connor, enxergam uma cumplicidade do autor neste repúdio. Connor (1989, p.55) chega a afirmar, por exemplo, que o polêmico pensador francês estaria “a serviço da rica mistificação oficial do nosso tempo, a anulação de todas as formas de vida coletiva e o seu cruel processamento em ficção.” Logo a seguir, sugere, a partir de uma citação do autor francês, que “parece não haver motivos pelos quais a teoria deva lutar contra a sua cumplicidade no processo de hiper-realização do social e não reconhecer-se francamente como o sintoma daquilo que descreve.” Parece dar-se conta de que, mesmo sem a perturbadora perspectiva de Baudrillard, as coisas não seriam diferentes. Diante desse xeque-mate em que se encontraria a crítica, Steven Connor explicita seu incômodo:

Baudrillard descreve um mundo pós-moderno em que tudo foi reduzido - ou melhor, talvez, ampliado e intensificado - a representações e simulacros, um mundo em que é tão completa a identificação entre poder e representações do poder que o poder pode ser considerado efetivamente como desaparecido. (...) Nessas condições, o único papel da teoria é imitar as furiosas energias da simulação numa tentativa (necessariamente) fútil de desfazê-las. (CONNOR, 1989, p.178).

A crítica aguda de Connor (1989, p. 180) sustenta que o resultado é uma ficção profissional *cool* de subversão que, paradoxalmente, criaria os próprios efeitos de simulação, de irrealidade e de contenção que o seu discurso evoca, mas no modo passivo ou negativo da racionalização. Se o intento de Jean Baudrillard consiste em representar o real, na medida que descreve um mundo em que tudo foi transformado em representações e simulacros, resultando num quadro de desespero em que toda forma de resistência

parece ser inócua, sua estratégia é questionada justamente porque suas intervenções seriam, elas próprias, simulacros.

O mal-estar que a perspectiva baudrillardiana causa é inequívoco, posto que não apresenta alternativas ao novo estado de coisas. Entretanto, acusar sua intervenção de ter se tornado um simulacro constitui uma forma de querer acreditar que a crítica ainda tem um papel a cumprir, que há esperanças e que o beco sem saída visualizado pelo crítico francês é apenas mais uma imagem virtual.

## Referências bibliográficas

ANDERSON, P. **As origens da pós-modernidade**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BAUDRILLARD, J. **Tela total: mito-ironias da era do virtual e da imagem**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Ed. Sulina, 1999.

\_\_\_\_\_. **Esquecer Foucault**. Trad. Claudio Mesquita; Herbert Daniel. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

\_\_\_\_\_. **Para uma crítica da economia política do signo**. Trad. Anibal Alves. Lisboa: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **À sombra das maiorias silenciosas: o fim do social e o surgimento das massas**. Trad. Suely Bastos. São Paulo: Brasiliense, 1985.

\_\_\_\_\_. **O crime perfeito**. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Relógio D'Água, 1996.

\_\_\_\_\_. **Cultura virou recreação artificial**. (Entrevista) *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, Caderno Idéias, 4 maio 2002.

\_\_\_\_\_. Baudrillard: le sujet et son double. In: **Magazine Littéraire**, Paris, n.264, avril, 1989, p.19. Entrevista concedida a François Ewald.

\_\_\_\_\_. **Para uma crítica da economia política do signo**. Trad. Anibal Alves. Lisboa: Martins Fontes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Simulacros e simulações**. Lisboa: Relógio d'Água Editorial, 1991.

CASULLO, N. (Org.) **El debate modernidad pos-modernidad**. Buenos Aires: PuntoSur, 1991.

CONNOR, S. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. Trad. Adail Ubirajara Sobral; Marai Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 1989.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo: Contraponto, 1997.



ENZESBERGER, H. M. **Elementos para uma teoria dos meios de comunicação.** Trad. Helena Parente Cunha e Moema Parente Augel. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1979.

FOSTER, H. **Recodificação:** arte, espetáculo, política cultural. Trad. Duda Machado. São Paulo: Casa Editorial Paulista, 1996.

JAMESON, F. **Pós-modernismo:** A lógica cultural do capitalismo tardio. Trad. Maria Elisa Cevalco. São Paulo: Ática, 1996.

\_\_\_\_\_. Globalization and strategy. **New Left Review**, London, n.4, july/august 2000.

KAPLAN, E. A.(Org.) **O mal-estar no pós-modernismo:** teorias e práticas. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.